

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL**

**LORENA LYS GOMES CÂMARA**

**TIPOGRAFIA VERNACULAR: UM ESTUDO SOBRE A TIPOGRAFIA DE RUA DO  
CENTRO DO DE JANEIRO**

Niterói  
Janeiro, 2025

LORENA LYS GOMES CÂMARA

**TIPOGRAFIA VERNACULAR: UM ESTUDO SOBRE A TIPOGRAFIA DE RUA DO  
CENTRO DO DE JANEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Produção Cultural da Universidade Federal  
Fluminense, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Flávia Lages de Castro

Niterói  
Janeiro, 2025

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

G633t Gomes Câmara, Lorena Lys  
Tipografia Vernacular : Um Estudo Sobre a Tipografia de Rua  
do Centro do Rio de Janeiro / Lorena Lys Gomes Câmara. - 2025.  
46 f.

Orientador: Flávia Lages De Castro.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade  
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,  
Niterói, 2025.

1. Design. 2. Tipografia. 3. Cultura popular. 4. Produção  
intelectual. I. Lages De Castro, Flávia, orientador. II.  
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e  
Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX



COORDENAÇÃO DE  
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

## ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao dia **seis de fevereiro do ano de dois mil e vinte cinco**, às **dez horas**, realizou-se a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **TIPOGRAFIA VERNACULAR: UM ESTUDO SOBRE A TIPOGRAFIA DE RUA DO CENTRO DO DE JANEIRO**, apresentado por **Lorena Lys Gomes Câmara**, matrícula **216033061**, sob orientação do(a) **Dra. Flávia Lages de Castro**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dra. Flávia Lages de Castro**

2º Membro: **Bela. Elaine Rodrigues**

3º Membro: **Ma. Nicolly da Silva Barbosa**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

**Com nota final após arguição: 9,5**

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:



Documento assinado digitalmente  
FLAVIA LAGES DE CASTRO  
Data: 06/02/2025 11:24:31-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

**Dra. Flávia Lages de Castro**  
Presidente da Banca

LORENA LYS GOMES CÂMARA

**TIPOGRAFIA VERNACULAR: UM ESTUDO SOBRE A TIPOGRAFIA DE RUA DO  
CENTRO DO DE JANEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Produção Cultural da Universidade Federal  
Fluminense, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Bacharel.

Aprovada em Janeiro de 2025

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra.<sup>a</sup> Flávia Lages de Castro - Orientadora Universidade Federal Fluminense

---

Bela. Elaine Rodrigues - Examinadora 1

---

Ma. Nicolly da Silva Barbosa - Examinadora 2

Niterói  
Janeiro, 2025

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. O LETREIRAMENTO POPULAR.....	8
1.1 Design Formal x Design Vernacular.....	8
1.2 O Impacto Cultural.....	10
1.3 Aspectos Socioculturais.....	11
1.4 Tipografia Vernacular Brasileira x Internacional.....	14
2. OS NOVOS USOS DA TIPOGRAFIA VERNACULAR.....	18
2.1 Preservação da Memória Vernacular.....	18
2.2 Influência da Tipografia Vernacular no Design Contemporâneo.....	21
3. PESQUISA.....	24
3.1 Mapeamento do Letreiramento Popular.....	27
3.2 Análise de Resultados.....	27
3.3 Entrevista com Letrista.....	36
CONCLUSÃO.....	40
BIBLIOGRAFIA.....	43

## RESUMO

A presente pesquisa pretende ressaltar a importância das manifestações visuais de um povo local. Disserta-se sobre uma potência de expressão cultural: a tipografia vernacular regional, regido por estética espontânea, a comunicação de uma mensagem que nasce de forma intuitiva. Colocar o foco nessa produção que contribui para despadronização estéticas do mundo globalizado é honrar as distintas raízes iconográficas.

**Palavras-chave:** Tipografia Vernacular. Letrista. Popular. Identidade. Memória.

## INTRODUÇÃO

A tipografia vernacular, caracterizada por letreiros e inscrições feitas à mão, ocupa um espaço único na comunicação visual das cidades, especialmente em áreas de grande circulação, como o Centro do Rio de Janeiro. Elaborada por letristas e artesãos locais, essa tipografia está imbuída de autenticidade e oferece uma alternativa visual à crescente padronização visual.

Os resultados dessa produção de design informal são moldados não por regras acadêmicas, como alinhamento, legibilidade, proporção e hierarquia, mas pela sensibilidade e pela necessidade imediata de comunicar. Assim, a estética vernacular emerge através de manifestações visuais pautadas pela construção espontânea, sendo uma verdadeira potência da expressão cultural. A "brasilidade tipográfica" carrega uma narrativa única de uma conexão profunda com o contexto local que, para os atentos e despidos de preconceitos academicistas, é uma referência que mora ao lado.

O poema *Boniteza Torta* de Cecília Meireles, ao dizer "O mundo feito a máquina não compreende os bordos irregulares do barro, não gosta dos vidrados escorridos desigualmente, não aprecia a boniteza torta das canecas, das jarrinhas sem equilíbrio total." (MEILRELES, 1953) ilustra a relevância do objeto de estudo. Não deixar passar despercebido os cartazes de mercados, fachadas de boteco de bairro e placas de aviso que nascem de forma manual é contemplar essa singularidade, cuja raiz está no popular.

O Centro do Rio de Janeiro é uma região de intensa atividade comercial, consolidando-se como um dos principais polos econômicos da cidade. Suas ruas e avenidas abrigam uma diversidade de estabelecimentos, desde lojas populares e camelôs até grandes empresas e corporações, oferecendo o cenário ideal para a análise da tipografia vernacular.

A metodologia do estudo combina abordagens visuais e teóricas para compreender de forma abrangente a tipografia vernacular do Centro do Rio de Janeiro. A seguir, são descritas as etapas que estruturam a pesquisa:

### a. Embasamento Teórico

A pesquisa bibliográfica será realizada com o objetivo de embasar teoricamente o estudo e fornecer uma compreensão mais ampla do design vernacular e da tipografia popular brasileira. Serão revisados textos e estudos de estudiosos da área de design, como Priscila Farias, Fátima Finizola, Eduardo Moreira, que exploram a relevância histórica e cultural da tipografia vernacular no Brasil. Esses autores fornecem perspectivas sobre as origens, o desenvolvimento e o impacto cultural do vernacular no design gráfico. A literatura selecionada ajudará a contextualizar a tipografia de rua dentro de uma tradição maior de design popular e a estabelecer uma base para discutir seu papel na construção da identidade visual local.

#### **b. Mapeamento de Letreiramentos**

O mapeamento é a etapa da pesquisa na qual será realizada uma documentação visual dos letreiros e placas presentes nas ruas do Centro do Rio. Esta etapa visa capturar a diversidade de formas, estilos e composições encontradas nos letreiros manuais que adornam o ambiente urbano. Ao documentar uma variedade de tipografias vernaculares, desde placas de comércio até murais, o levantamento ajudará a construir um acervo visual detalhado que permitirá identificar padrões, peculiaridades e variações estilísticas. Através dessa documentação fotográfica, espera-se reunir um conjunto de imagens que represente a riqueza e autenticidade da tipografia de rua carioca.

#### **c. Análise Iconográfica e Tipográfica**

Na fase de análise iconográfica e tipográfica, os letreiros documentados serão examinados para identificar e classificar os estilos de letras, ornamentações, cores e outras características visuais que compõem a tipografia vernacular. Essa análise incluirá a identificação de estilos específicos e a investigação de elementos ornamentais que acompanham as letras, como molduras, ícones e outros adornos visuais. Além disso, será analisada a interação entre os letreiros e o espaço urbano circundante, explorando como a tipografia de rua se relaciona visualmente com o ambiente, destacando ou se integrando às estruturas e fachadas locais. Essa etapa ajudará a compreender como a tipografia vernacular contribui para a estética visual da área e reforça a identidade cultural do Rio de Janeiro.

#### **d. Entrevistas com Letristas Locais**

Para entender a criação e o contexto cultural desses letreiros, será realizada entrevista com letrista local. A entrevista visam explorar as técnicas utilizadas na

produção dos letreiros, bem como as inspirações que influenciam seu trabalho. Perguntas abordarão aspectos como a escolha dos materiais, as técnicas de pintura ou marcação, o processo criativo e os desafios enfrentados na produção de letreiros manuais. Além disso, será investigada a relação desses profissionais com o design vernacular e seu entendimento sobre a importância cultural e histórica dos letreiros que produzem. Esta etapa é fundamental para captar a perspectiva dos próprios letristas e enriquecer a análise com um ponto de vista interno e experiente.

Dessa forma, o objetivo do presente estudo é identificar como a tipografia manual sobrevive e se reinventa em um contexto urbano cada vez mais polido esteticamente. Busca também debruçar-se sobre como os letreiramentos populares surgem como uma resposta direta às demandas do cotidiano e às especificidades culturais e econômicas da cidade e, por fim, promover uma reflexão sobre importância da preservação e da valorização da cultura visual local como patrimônio significativo para o campo do design e produção cultural.

## CAPÍTULO 1

### O LETREIRAMENTO POPULAR

#### 1.1. Design Formal x Design Vernacular

O modelo europeu de ensino de design - seguindo preceitos da Bauhaus e Ulm - chegou no Brasil através da fundação da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdí), em 1963, a primeira instituição a oferecer um curso de graduação em design no país. A Bauhaus, escola de design alemã, criou o método de ensino que dissolve a divisão entre o trabalho manual e o intelectual, derrubando barreiras entre artista e artesão e pavimentando a ideia que não existe design sem conceito e estudo. Prezava em seu manifesto de 1919 - em um contexto de pós Primeira Guerra Mundial - pelo design minimalista e funcional, que não pede por ornamentação adicional e se basta nas formas lineares e geométricas.

Tendo como referencial Bauhaus para formar profissionais da área, a Esdí estabelece um ensino descontextualizado do seu próprio local, aderindo a uniformidade estética europeia deixando a margem o design que nasce de forma espontânea nas ruas, pertencentes à cultura popular. Eduardo Moreira disserta que pensar no design vernacular como inferior é “uma visão totalmente nociva à prática do design em várias instâncias, afinal, o design também é um produto cultural e por isso ignorar o meio no qual ele está sendo praticado é empobrecedor.” (MOREIRA, 2016, p. 25).

Nesse cenário, movimentos culturais nacionalistas como “A Tropicália” de 1967 vieram para botar o holofote dentro do próprio território brasileiro. Hélio Oiticica, artista visual que deu nome e vida ao movimento, tinha o objetivo de injetar no seu trabalho a “realidade brasileira” para confrontar o polimento do modernismo europeu. O rompimento com a harmonia e o enaltecimento da identidade nacional inspirou as diversas formas de produção artística da época e certamente influenciou o campo do design.

Na década de 1970, a Esdí começou a se destacar como um centro de inovação e pesquisa na área de design, incentivando a investigação de expressões visuais populares. Nessa época, os pesquisadores Vera Bernardes e Tulio Mariante deram início a documentações que analisavam a tipografia popular em diferentes regiões brasileiras, como os letreiros das ruas cariocas e os sinais informais do interior do país. Essas pesquisas representaram um marco importante, pois

inseriram o design vernacular no cenário acadêmico, ressaltando a relevância cultural e a autenticidade dessa forma de expressão visual.

Esses estudos iniciais na Esdi estabeleceram um alicerce para a valorização do vernacular como uma manifestação legítima da identidade visual brasileira, diferenciada do design erudito e das influências estrangeiras. A tipografia vernacular começou a ser vista como um símbolo da cultura local, representando as raízes populares e a criatividade de comunidades que expressavam suas mensagens por meio de letreiros feitos à mão, geralmente de forma espontânea e intuitiva. Esse movimento contribuiu para um entendimento mais inclusivo do design, promovendo um reconhecimento das produções locais e dos artistas não acadêmicos.

Fátima Finizola afirma que “os letreiramentos populares, como parte integrante da cultura material de um povo, assim como da história do design brasileiro antes mesmo da oficialização da profissão, nos proporcionam uma série de experiências visuais que podem ser utilizadas como um rico manancial de inspiração para a prática do design formal” (FINIZOLA, 2010, p. 17).

Ao longo das décadas, o design vernacular brasileiro demonstrou uma capacidade única de adaptação e evolução. A popularização das novas tecnologias, como a computação gráfica e as ferramentas digitais, possibilitou que elementos vernaculares fossem digitalizados e reinterpretados no design contemporâneo, preservando a essência do estilo popular e facilitando sua integração em novos contextos visuais. Atualmente, designers utilizam referências vernaculares para criar fontes digitais, peças gráficas e identidades visuais que combinam o artesanal com o digital, resgatando o espírito dos letreiros manuais em projetos inovadores. Finizola pronuncia que:

Do mesmo modo como a cultura das classes dominantes, por muitas vezes, se impõe à cultura das classes subalternas, a circularidade cultural corre o risco de acarretar uma crescente despersonalização das diversas manifestações regionais de design a favor de um design internacional de características universais. O designer surge nesse cenário com o papel de encontrar o ponto de equilíbrio ideal entre essas duas tendências, a fim de não deixar se perder o que há de mais original em cada cultura, participando, sim, da globalização, mas não uma globalização que pasteuriza, mas aquela que permite uma rica troca de experiências entre as particularidades de cada povo. (FINIZOLA, 2010, p.28.)

Essa capacidade de adaptação, aliada ao interesse crescente pelo design com identidade regional, permite que a tipografia vernacular continue a influenciar o

cenário visual urbano brasileiro. Hoje, ela é celebrada não apenas como uma memória cultural, mas também como uma linguagem visual relevante e dinâmica que reforça a diversidade e a autenticidade do design nacional.

## 1.2. O Impacto Cultural

O termo vernáculo é definido como aquilo que é “próprio do país ou da nação que pertence”, diz-se da linguagem “sem incorreções e sem inclusão de estrangeirismos”. Nesse sentido, a tipografia de caráter vernacular carrega a potência da criatividade que tem base no popular para confecção das letras. Em um país como o Brasil, marcado pela diversidade regional e pelas influências multiculturais, os letreiros e placas informais encontrados nas ruas traduzem o cotidiano, criando uma linguagem visual autêntica e profundamente conectada com as raízes locais.

Maristela Mitsuko Ono, em seu estudo de *Design e Cultura: Sintonia Essencial*, entende identidade como:

um princípio de coesão interiorizado por uma pessoa ou grupo, que lhes permite reconhecer os outros e ser por outros reconhecidos. E a identidade de um grupo consiste em um conjunto de características partilhadas pelos seus membros, que permitem um processo de identificação das pessoas no interior do grupo e de diferenciação em relação a outros grupos. Pode-se assim dizer que, dentro do contexto social, a identidade cultural fundamenta-se na diferença, na distinção. (ONO, 2006, p.11.)

Nessa perspectiva, os elementos tipográficos são encarados como manifestações da identidade local e evidências da cultura material de um povo, definida por Ono como "o conjunto de artefatos produzidos e utilizados pelas culturas humanas ao longo do tempo, sendo que, para cada sociedade, os objetos assumem significados particulares, refletindo seus valores e referências culturais" (ONO, 2006, p.104).

Produzidos de forma artesanal por letristas e artesãos, esses letreiramentos resistem à padronização comercial e às tendências globalizadas, oferecendo uma forma de expressão única que reflete a história e a cultura das comunidades onde estão inseridos. Em cidades como o Rio de Janeiro, por exemplo, a tipografia de rua conta histórias do espaço urbano, refletindo a adaptabilidade e a inventividade dos habitantes frente aos desafios econômicos e sociais. Em cada letra pintada à mão, há uma valorização do fazer popular e um resgate da memória visual, preservando

elementos que, de outra forma, poderiam ser esquecidos ou substituídos por estilos genéricos.

Alexey Brodovitch, em seu texto *O que Agrada ao Homem Moderno*, afirma que “os preceitos de conforto, da utilidade e da padronização têm prioridade em todos os campos” (BRODOVITCH, 1930, p. 51). No entanto, a conformidade com esse polimento do campo do design acaba por negar a linguagem variante e o caráter extremamente inventivo do informal. A homogeneização estética resulta da mentalidade do mercado capitalista, que busca escalabilidade e eficiência no design, enfraquecendo uma lógica de comunicação adaptável às culturas locais.

Além de fortalecer o sentimento de pertencimento e identidade para aqueles que convivem diariamente com esses elementos, a comunicação vernacular atua como um importante agente de preservação cultural, mantendo viva a essência do design popular e oferecendo um repertório visual que celebra a autenticidade brasileira. Essa tipografia não apenas contribui para a memória coletiva e a identidade visual de uma região, mas também reforça o papel do design como meio de expressão inclusivo e representativo das diversas culturas que compõem o Brasil.

### **1.3. Aspectos Socioculturais**

Em cidades como o Rio de Janeiro, a tipografia popular revela muito sobre o espírito da comunidade, as realidades econômicas e os valores culturais que moldam a vida dos moradores. Um dos aspectos mais marcantes da tipografia vernacular é seu papel como meio de comunicação direta, acessível e frequentemente improvisada. Esse estilo tipográfico se desenvolveu como uma resposta às necessidades práticas e econômicas dos pequenos comerciantes, que muitas vezes não dispõem de recursos para contratar designers profissionais ou criar identidades visuais “sofisticadas”.

Ao invés disso, eles recorrem a letristas populares e artesãos locais, que produzem letreiros feitos à mão com um toque único, transmitindo uma estética de proximidade e autenticidade. Esses letreiros geralmente refletem a personalidade e o espírito do estabelecimento, com letras informais e cores vivas que chamam a atenção do público de maneira natural, sem a formalidade das fachadas comerciais padronizadas.

Dessa forma, a estética vernacular surge como uma resposta direta às demandas do cotidiano e às especificidades culturais e econômicas da cidade. O ofício realizado por designers sem formação acadêmica demonstra: despreocupação — ou mesmo desconhecimento — em relação às normas estabelecidas pelo design formal; simplicidade no uso de materiais e suportes; e uma forte ligação com o popular, oferecendo soluções de baixo custo para empreendedores locais.

Em bairros de classes populares, a tipografia vernacular pode refletir a resiliência e a criatividade das comunidades locais. Letreiros e placas frequentemente incluem gírias (fig. 1), expressões humorísticas (fig. 2) e referências culturais (fig. 3) que tornam o comércio mais acolhedor e familiar para os moradores da região. Por exemplo, é comum ver frases engraçadas ou mensagens de boas-vindas (fig. 4) que criam um clima amigável e informal, transmitindo uma sensação de pertencimento. Em regiões mais turísticas, a tipografia vernacular também incorpora elementos culturais.



**Figuras 1 e 2** – “Bar Meu Xodó” em Canoa Quebrada, Ceará e Bar em Barra Grande, Piauí. Fonte: <https://www.instagram.com/handpaintedbrazil/>



**Figuras 3 e 4** – “Bar do Boto” em Cametá, Pará e “Bar do Amor” em Macambira, Ceará. Fonte: <https://www.instagram.com/handpaintedbrazil/>

Em áreas onde os recursos são escassos, os materiais utilizados são frequentemente reciclados ou improvisados, resultando em letreiros feitos com tinta desbotada, pinceladas imperfeitas e madeira reaproveitada. Esses detalhes conferem uma estética de rusticidade e simplicidade que reflete a realidade econômica do local, valorizando o que é disponível e acessível. Essa improvisação não diminui o valor artístico dos letreiros, mas ao contrário, reforça a autenticidade e a beleza na imperfeição, mostrando a capacidade de adaptação e a inventividade dos pequenos comerciantes e letristas populares.

Nos contextos de bairros mais antigos e tradicionais, a tipografia vernacular pode também ser um reflexo da história da comunidade, narrando a evolução dos espaços urbanos e a transformação das relações sociais. Muitos letreiros antigos que ainda resistem às mudanças do tempo tornam-se verdadeiras marcas históricas, testemunhos de uma época em que o comércio de bairro era a principal forma de abastecimento local. Esses letreiros, com suas letras desgastadas e cores desbotadas, carregam memórias coletivas e são representações visuais de tempos passados, preservando a história e a memória afetiva das comunidades.

Além disso, a tipografia vernacular frequentemente serve como uma plataforma para a expressão de valores comunitários, solidariedade e diversidade cultural. Em comunidades com influências culturais diversas, como é o caso do Rio de Janeiro, os letreiros podem incorporar elementos gráficos e estéticos que remetem às heranças africanas, indígenas e europeias, refletindo a pluralidade cultural da cidade. Essa fusão de influências se manifesta em traços e ornamentos que dão personalidade aos letreiros e criam uma conexão visual com a identidade multicultural da população local.

A tipografia vernacular não é apenas um recurso visual, mas um reflexo fiel da vida comunitária e das dinâmicas socioculturais dos espaços urbanos. Ela representa a expressão visual dos desafios econômicos, da criatividade popular, da resistência cultural e da valorização da identidade local. Ao documentar e preservar essa tipografia, não apenas estamos registrando o design de uma época, mas também preservando as vozes e histórias das comunidades que compõem a cidade, mantendo vivas as expressões que traduzem a essência de cada bairro e reforçam a autenticidade do espaço urbano.



**Figura 5** – Inscrições do Profeta Gentileza feitas em 1980 no viaduto da Avenida Brasil, na Zona Portuária do Rio de Janeiro, e que traduzem bem o estilo da linguagem criativa carioca. Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/design-rio/vernacular-releitura-sofisticada-da-cultura-popular-13396784>

#### 1.4 Tipografia Vernacular Brasileira x Internacional

A tipografia vernacular brasileira, especialmente a presente nas ruas do Rio de Janeiro, é marcada por uma estética autêntica, rica em cores vibrantes, formas expressivas e uma informalidade que reflete o cotidiano popular. Ao compará-la com estilos vernaculares de outras cidades e culturas, é possível perceber tanto similaridades quanto diferenças que tornam o vernacular brasileiro uma expressão visual singular e valiosa. Essas distinções evidenciam o valor de preservar a tipografia de rua brasileira como um patrimônio cultural único, representativo da identidade local.

Em cidades como Nova York, Tóquio e Cidade do México, a tipografia vernacular também emerge como uma expressão autêntica, muitas vezes nascida da espontaneidade dos criadores locais. Nos Estados Unidos, por exemplo, a tipografia vernacular é associada a letreiros de lojas de bairro, placas de sinalização e fachadas de restaurantes que usam uma combinação de estilos góticos e retrôs, influenciados pela cultura americana das décadas de 1950 e 1960. A informalidade e o apelo estético da tipografia vernacular americana estão frequentemente ligados ao chamado "DIY" (do it yourself), refletindo a cultura do empreendedorismo local. Em contraste, a tipografia vernacular brasileira é mais ornamentada e calorosa, muitas vezes incorporando cores intensas e traços mais curvos e fluidos, que remetem ao estilo informal e acolhedor do país.



**Figura 6** – Mosaico contendo distintos letreiramentos populares de Nova York. Fonte: <https://vanishingnewyork.blogspot.com/2012/02/vernacular-typography.html>

Na Ásia, a tipografia de rua em cidades como a Malásia adota uma abordagem diferente, ainda que igualmente vernacular. Letreiros feitos à mão e placas comerciais com caracteres orientais frequentemente revelam um estilo mais disciplinado e estruturado, refletindo a cultura visual local, que valoriza a precisão e a clareza visual. No entanto, a espontaneidade do vernacular surge em elementos como o uso de tinta desgastada, contornos irregulares e a mistura de cores vibrantes em letreiros de pequenos comércio e mercados de rua. Enquanto o vernacular brasileiro costuma explorar a variação de estilos de letras em uma mesma peça, os letreiros asiáticos tendem a se manter dentro de uma estrutura visual mais ordenada, mesmo em contextos informais.



**Figura 7** – Mosaico contendo distintos letreiramentos populares da Malásia. Fonte: <https://www.itsnicethat.com/articles/huruf-typography-graphic-design-180221>

A tipografia de rua do México, particularmente na Cidade do México e em outras cidades da América Latina, compartilha com o Brasil algumas semelhanças em termos de cores vibrantes e composições ornamentais. Os letreiros mexicanos

geralmente incluem elementos decorativos inspirados na cultura indígena e nas tradições religiosas, com traços ornamentais e cores fortes que refletem a vitalidade da cultura local. No Brasil, no entanto, a tipografia vernacular frequentemente adota uma abordagem mais livre, misturando estilos tipográficos variados em uma mesma composição e usando uma estética mais despreziosa. Ambos os países, no entanto, demonstram uma rica herança cultural que se expressa através de letreiros que são mais do que sinais – são representações da identidade visual local.



**Figura 8** – Mosaico contendo distintos letreiramentos populares do México. Fonte: <https://www.designboom.com/art/kurt-hollander-mexico-city-ban-colorful-hand-painted-street-stall-signs-08-10-2022/>

Ao contrastar o vernacular brasileiro com outros estilos internacionais, torna-se evidente que ele se destaca por sua liberdade formal, suas composições calorosas e a mistura de influências culturais, que incluem elementos coloniais, africanos e indígenas. Esses aspectos tornam a tipografia de rua brasileira uma manifestação cultural valiosa e única. Enquanto o vernacular em outras culturas pode ser igualmente significativo, o estilo brasileiro tem uma expressividade própria, marcada pela diversidade e pela inclusão de influências regionais que representam a história e o cotidiano do país. Preservar e valorizar a tipografia vernacular brasileira é, portanto, essencial para manter viva uma parte importante da identidade visual e cultural do país em um cenário globalizado.



**Figura 9** – Mosaico contendo distintos letramentos populares do Brasil. Fonte: <https://pictorama.com.br/workshops/oficina-tipografia-popular/>

Dessa forma, a comparação com o vernacular internacional não apenas realça a singularidade da tipografia brasileira, mas também enfatiza seu valor como um símbolo da identidade nacional, reforçando a importância de sua preservação e de seu reconhecimento como patrimônio visual e cultural.

## CAPÍTULO 2

### OS NOVOS USOS DA TIPOGRAFIA VERNACULAR

#### 2.1. Preservação da Memória Vernacular

O avanço das novas tecnologias têm desempenhado um papel fundamental na preservação, digitalização e valorização dos estilos tipográficos populares, permitindo que o design vernacular alcance novas audiências e espaços além do ambiente urbano. Tradicionalmente criados por letristas locais e artesãos, os estilos tipográficos populares, que costumam adornar fachadas, placas de estabelecimentos e muros, são marcados por sua espontaneidade, autenticidade e conexão direta com a cultura local. Contudo, sem a devida documentação, esses elementos tipográficos correm o risco de desaparecer em meio à crescente urbanização e padronização visual das cidades. Nesse contexto, as tecnologias digitais oferecem uma oportunidade sem precedentes para registrar, preservar e reinterpretar esses estilos em formatos contemporâneos.

A digitalização de estilos tipográficos populares começa com processos de captura de imagens de alta qualidade, realizados por meio de fotografia e escaneamento de letreiros e placas. Essa documentação permite criar um arquivo visual das tipografias de rua, capturando nuances como texturas, variações nas linhas e efeitos de desgaste, que são características comuns e essenciais da tipografia vernacular. A partir dessas imagens, softwares de design gráfico, como Adobe Illustrator e Procreate, possibilitam a vetorização dos caracteres, transformando-os em formas digitais escaláveis que podem ser reproduzidas e adaptadas para diferentes mídias e suportes sem perder a essência do traço manual. Esse processo de vetorização é um passo crucial, pois torna as fontes flexíveis para uso em plataformas digitais e impressas, preservando ao máximo as qualidades visuais e a integridade artística dos originais.

Além da digitalização, as tecnologias de design têm promovido a valorização desses estilos vernaculares, pois facilitam sua inserção em projetos contemporâneos de maneira acessível. A criação de fontes digitais inspiradas na tipografia popular permite que designers utilizem esses estilos em identidades visuais, campanhas publicitárias, embalagens e interfaces digitais, o que contribui para expandir a influência da cultura popular em novos contextos. Essas fontes

digitais, muitas vezes disponibilizadas em plataformas de fontes como Google Fonts ou Adobe Fonts, democratizam o acesso ao design vernacular, permitindo que sua estética seja adotada por designers em qualquer parte do mundo. Esse movimento de valorização digital leva a um reconhecimento maior do valor cultural e histórico dessas tipografias, estimulando novos designers a explorarem referências vernaculares em seus próprios projetos.

Exemplos como *Oferta do Dia* (figs. 10 e 11), criada por Eduardo Ramalho, *Oxente* (figs. 12 e 13), desenvolvida por Douglas Reis e *Brasilêro* (figs. 14 e 15), elaborada por Crystian Cruz, destacam-se como fontes que traduzem a essência do design vernacular. Enquanto *Oferta do Dia*, inspirada em cartazes de supermercados, explora o traço manual com uma abordagem utilitária e acessível para diferentes projetos, *Oxente* presta uma homenagem ao letreiramento popular da Feira de São Joaquim, em Salvador, Bahia. Lançada com uma identidade visual que valoriza ilustrações e elementos locais, *Oxente* é o resultado de um processo manual que envolveu experimentações com ferramentas e superfícies, evidenciando a riqueza do trabalho artesanal no contexto digital. Já a fonte *Brasilêro* é umas das tipografia brasileiras mais populares, utilizada em mais de 500 projetos comerciais. Traduz para o digital os letreiros feitos à mão encontrados em diversas cidades brasileiras. Essas fontes exemplificam como referências tipográficas locais podem ser preservadas e reinterpretadas para o design contemporâneo, ampliando seu impacto cultural.



**Figuras 10 e 11** – Referência inspiracional para criação da fonte e alfabeto da *Oferta do dia* (Eduardo Ramalho, 2015). Fonte: [http://www.behance.net/gallery/25269249/Oferta-do-Dia-Free-Font?tracking\\_source=search\\_projects|oferta+do+dia&l=0](http://www.behance.net/gallery/25269249/Oferta-do-Dia-Free-Font?tracking_source=search_projects|oferta+do+dia&l=0)



**Figuras 12 e 13** – Referência inspiracional para criação da fonte e alfabeto da fonte Oxente (Douglas Reis, 2020). Fonte: [http://www.behance.net/gallery/91736457/OXENTE\\_-\\_FONTE?tracking\\_source=search\\_projects|oxente&l=0](http://www.behance.net/gallery/91736457/OXENTE_-_FONTE?tracking_source=search_projects|oxente&l=0)



**Figuras 14 e 15** – Alfabeto da fonte Brasilêro e projetos comerciais que utilizaram a fonte (Cristian Cruz, 2016). Fonte: [http://www.behance.net/gallery/33940228/Brasilero?tracking\\_source=search\\_projects|brasilêro+fonte&l=1](http://www.behance.net/gallery/33940228/Brasilero?tracking_source=search_projects|brasilêro+fonte&l=1)

As redes sociais têm se mostrado ferramentas poderosas na disseminação e valorização da tipografia popular, permitindo que registros dessas manifestações cheguem a um público amplo e diverso. Compartilhar imagens e projetos tipográficos nas redes sociais amplia o alcance do vernacular, gerando interesse e promovendo discussões sobre sua relevância cultural e estética. Páginas como *@handpaintedbrazil* e *@abridoresdeletra* exemplificam esse papel. Enquanto a primeira funciona como uma plataforma colaborativa, reunindo fotografias enviadas por seguidores de todo o Brasil para formar um vasto catálogo da tipografia vernacular nacional, a segunda está vinculada ao *Projeto Abridores de Letras*, que desde 2010 mapeia e documenta a memória gráfica popular de Pernambuco, explorando o repertório visual de cidades como Recife, Caruaru e Petrolina. Além disso, iniciativas como comunidades de design, festivais digitais e exposições virtuais incentivam o diálogo entre designers, pesquisadores e o público, criando um espaço de valorização que transcende barreiras físicas e transforma a tipografia popular em um fenômeno global.

Assim, as novas tecnologias não só preservam a tipografia vernacular, mas também renovam seu valor e ampliam seu alcance. Através da digitalização, da criação de fontes digitais e da presença em redes sociais, a tipografia popular se torna um patrimônio vivo e acessível, mantendo-se relevante e influente na cultura visual contemporânea.

## **2.2. Influência da Tipografia Vernacular no Design Contemporâneo**

A tipografia vernacular, tem se tornado uma fonte poderosa de inspiração no design gráfico contemporâneo. Em um cenário onde marcas e consumidores valorizam cada vez mais a autenticidade e a conexão cultural, o uso de elementos vernaculares na criação de identidades visuais se destaca como uma estratégia eficaz para transmitir valores genuínos e estabelecer vínculos emocionais com o público.

Fátima Finizola afirma que “nessa busca por um design que represente a identidade de cada povo, cabe ao designer encontrar esse ponto de equilíbrio entre essas duas tendências, sabendo usufruir o que há de melhor em cada uma delas, sem ferir as tradições, os hábitos e os costumes de cada região”. (FINIZOLA, 2010, p.23)

No design de marcas, a tipografia vernacular é utilizada para construir uma identidade visual diferenciada, que remete às origens populares e tradicionais. Ao incorporar estilos tipográficos artesanais, os designers conseguem criar uma linguagem visual que evoca memórias, tradição e pertencimento. Marcas de produtos alimentícios, restaurantes e artesanatos, por exemplo, têm adotado essa estética para transmitir uma imagem mais próxima, humana e acessível, reforçando a percepção de que seus produtos são artesanais ou têm vínculo com a cultura local.

Um exemplo é o *Labuta Bar* (fig. 16), localizado no Centro do Rio, que vem desde 2020 ocupando um espaço gigantesco na boemia carioca. Além de incorporar as cadeiras de praia espalhadas pela calçada, ele utiliza da estética vernacular para desdobrar sua identidade visual. Carrega as características do design informal e em toda sua comunicação, conferindo uma personalidade brasileira e calor para a marca. O *Xepa* (fig. 17), bar que nasceu em 2023 em Botafogo, tem sua fachada tomada por cores vibrantes e inscrições manuais.

Ilustrações e tipografias constroem uma identidade atrativa para região que, por estar localizada numa área mais nobre da cidade, testemunha menos manifestações vernaculares.




**Figuras 16 e 17** – Logo Labuta Bar e fachada Xepa Bar. Fontes: [https://www.instagram.com/labuta\\_bar/](https://www.instagram.com/labuta_bar/) e <https://vejario.abril.com.br/estabelecimento/xepa>

A tipografia vernacular tem sido amplamente utilizada em campanhas publicitárias que buscam uma conexão emocional com o público-alvo. Em um contexto de globalização, onde as identidades visuais se tornam cada vez mais homogêneas, marcas que adotam elementos vernaculares conseguem se destacar ao resgatar aspectos da cultura local, criando uma identidade visual diferenciada e com maior profundidade cultural. Em muitos casos, a tipografia popular é reinterpretada digitalmente para ser usada em diferentes mídias, mantendo seu caráter artesanal e autenticidade, criando um elo entre o tradicional e o contemporâneo.

O projeto *Guaraná Antártica: Hands from Maués* realizado pelo Estudio Pum conta com letterings e ilustrações para homenagear as mãos que fazem o Guaraná Antártica. Os letterings foram desenhados a mão, com inspiração na rica tipografia vernacular da região Amazônica. O projeto estabelece um elo simbólico entre o trabalho artesanal das pessoas de Maués, que colhem o guaraná manualmente, e o processo artesanal de criação das ilustrações e tipografia. Um dos produtos do projeto foi o livro *The Book of Maués* (fig. 18), que documenta e homenageia essa produção, repleta de influências do repertório popular da região.



**Figura 18** – The Book of Maués (Estúdio Pum, 2017). Fonte: [http://www.behance.net/gallery/55313075/Guarana-from-Maus?tracking\\_source=search\\_projects|The+Book+of+Maués+&l=0](http://www.behance.net/gallery/55313075/Guarana-from-Maus?tracking_source=search_projects|The+Book+of+Maués+&l=0)

Além de ser uma poderosa ferramenta de design, a tipografia vernacular representa resistência cultural em um mercado saturado por tendências internacionais. Ao incluir esses elementos, os designers criam um contraste positivo e contribuem para a valorização da identidade cultural, tanto local quanto global. Isso renova o repertório visual no design contemporâneo e fortalece a ideia de que o design é uma disciplina inclusiva, capaz de dialogar com o público ao trazer a cultura popular para o centro das estratégias visuais.

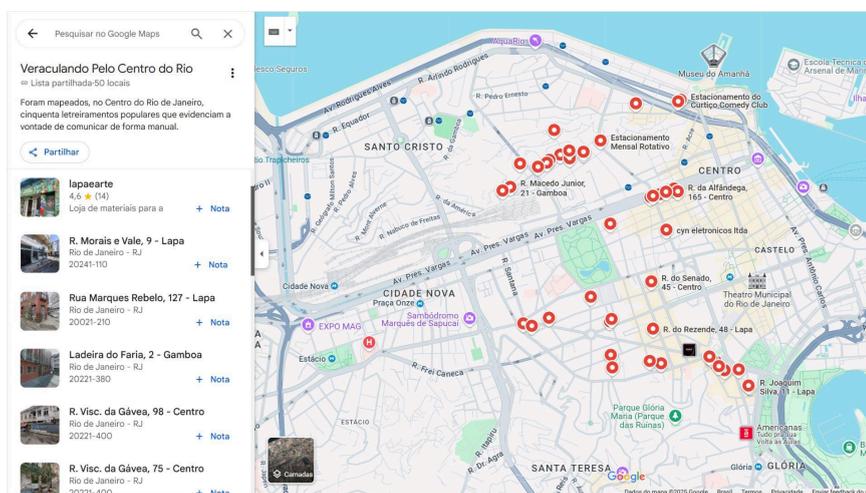
Assim, a influência da tipografia vernacular no design contemporâneo se destaca pela sua capacidade de adicionar autenticidade e expressividade às identidades visuais e campanhas publicitárias. Em um mundo onde a conexão emocional e a singularidade cultural são cada vez mais valorizadas, o uso desses elementos enriquece o design gráfico, reforçando a identidade visual de marcas e produtos e conectando-os de forma genuína aos seus consumidores e ao ambiente cultural em que estão inseridos.

## CAPÍTULO 3

### PESQUISA

#### 3.1. Mapeamento do Letreiramento Popular

Foram mapeados, no Centro do Rio de Janeiro, cinquenta letreiramentos populares que evidenciam a vontade de comunicar de forma manual. Com o objetivo de identificar, classificar e analisar diferentes tipografias, foi criado um roteiro no Google Maps - acessível pelo link [<https://maps.app.goo.gl/AnbD2ShqUopTSnz67>] - que documenta as variadas presenças do vernacular nas ruas da cidade.



**Figura 19** – Mapeamento “Vernaculando Pelo Centro do Rio”. Fonte: <https://maps.app.goo.gl/AnbD2ShqUopTSnz67>

Esse mapeamento realizado de forma online oferece uma oportunidade de construir uma base colaborativa, na qual outros pesquisadores e entusiastas do vernacular possam contribuir. Ao adicionar novos pontos ao roteiro do Google Maps, a pesquisa se enriquece com a identificação de outros letreiros populares no Centro, fortalecendo a preservação e valorização da identidade visual do Rio de Janeiro.

A base colaborativa também permite expandir o mapeamento para outros bairros, cidades e estados, proporcionando uma visão abrangente sobre a diversidade de estilos tipográficos. Além disso, ela cria um recurso valioso para designers e pesquisadores, oferecendo um banco de referências locais que podem inspirar processos criativos e enriquecer a prática profissional no campo do design gráfico.

Após a etapa de identificação dos pontos vernaculares, foi elaborada uma tabela descritiva que organiza as informações para a classificação e análise das imagens, contendo as seguintes colunas:

- a. **Dados:** A subcoluna **Imagem** contém os *Prints Screen* do Google Maps, permitindo a visualização dos letreiramentos para o desdobramento de categorias classificatórias. Além disso, registra fachadas e placas que, com o tempo, podem ser substituídas por designs mais genéricos, contribuindo para a preservação da memória visual urbana. A subcoluna **Título** define um nome para o ponto vernacular, enquanto a subcoluna **Endereço** fornece sua localização, possibilitando visitas futuras para estudo ou conservação. Já a subcoluna **Função** classifica o propósito comunicacional do letreiramento, enquadrando-o em categorias como identificativa, informativa, indicativa de preço, orientativa, proibitiva e de recado/manifestação individual. Por fim, a subcoluna **Tipos de Estabelecimento** permite compreender quais serviços fazem maior uso do letreiramento popular.
  
- b. **Tipologia:** A coluna **Tipologia** reconhece os estilos de tipo mais comuns encontrados no letramento do Centro do Rio. A classificação será feita com base nas categorias discriminadas na figura 20, resultado do levantamento fotográfico feito nesta pesquisa. Essa categorização auxiliará na organização visual dos padrões predominantes e suas variações, permitindo uma análise das diferentes abordagens estéticas.



**Figura 20** – Categorias de tipos (na ordem): amadoras, básicas, compactas, gordas, serifadas, cursivas, caligáficas, expressivas, fátasia e grafitadas. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

- c. **Execução:** A subcoluna **Técnica** identifica o método utilizado para a aplicação da informação escrita, como tinta, caneta esferográfica, caneta permanente (pilot) ou giz. Já a subcoluna **Suporte** classifica o material onde o letreiramento foi realizado, incluindo opções como parede/muro, plástico, madeira, vidro, papel/papelão, metal, tecido, borracha ou quadro-negro. Essas categorizações permitem avaliar o grau de permanência ou efemeridade das criações, considerando, por exemplo, a durabilidade da tinta sobre um muro em contraste com a transitoriedade de uma escrita a caneta esferográfica sobre papel.
- d. **Escolha Cromática:** A subcoluna **Cores** registra as paletas de cores mais utilizadas nos letreiros vernaculares. As cores desempenham um papel crucial na criação de um impacto visual e são frequentemente escolhidas de maneira intuitiva ou para destacar o conteúdo de forma clara e acessível. Já a subcoluna **Contraste Letra/ Fundo** classifica o nível de contraste entre o texto e o suporte, categorizando-o como alto ou baixo. Essa categorização permite avaliar a preocupação do letrista com a legibilidade da informação.
- e. **Ornamentos:** A subcoluna **Adorno de Tipo** identifica os ornamentos desenhados diretamente à tipografia. Já as subcolunas **Ícones** e **Ilustrações** permitem reconhecer os elementos gráficos que acompanham a tipografia. Esses adornos têm um papel importante na valorização estética dos letreiros, frequentemente usados para reforçar a mensagem ou a identidade visual do estabelecimento. Essas categorizações ajudam a destacar a diversidade estilística e simbólica presentes na cultura visual brasileira, observando como os elementos gráficos contribuem para a comunicação visual única.
- f. **Conservação:** A coluna **Conservação** classifica o estado de preservação dos letreiros e placas, distinguindo entre com marcas de tempo - como desgaste, sujeira, desbotamento de pintura ou outras marcas visíveis do envelhecimento - e sem marca de tempo - quando os letreiros estão em estado mais preservado ou recém-aplicados. Essa categorização é relevante pois o desgaste visível do letreiramento, refletido pelo envelhecimento natural ou intervenções feitas ao longo do tempo, não só altera a estética, mas também intensifica a autenticidade e o apelo visual das intervenções. O

estado de conservação é crucial para entender a longevidade dos letreiros e como o tempo contribui para a transformação visual do espaço urbano.

### 3.2. Análise de Resultados

A tabela resultante permitirá uma análise descritiva e comparativa dos estilos e características dos letreiramentos vernaculares, oferecendo insights sobre seu valor cultural e sua influência no panorama visual do Rio de Janeiro.

Foto	Dados					Tipologia	Execução		Escolha Cromática					Contraste Letra e Fundo	Ornamentos			Conservação
	Título	Endereço	Função	Tipo de Estabelecimento	Sertifadas e Fantasia		Técnica	Suporte	Cores						Adorno de Tipo	Ícones/Molduras	Ilustrações	
									Azul	Vermelho	Amarelo	Preto	Branco					
	Lapa e Arte Souvenir	R. Teotônio Regadas, 26b - Lapa	Identificativa	Loja de Produtos Variados	Sertifadas e Fantasia	Tinta Sobre	Parede/Muro		x	x	x		Alto Contraste	Padronagem Estilística	Moldura	Ilustração de Ambientação da Fachada	Sem marcas de tempo	
	Beco do Rato	R. Moraes e Vale, 9 - Lapa	Identificativa/ Informativa	Bar	Básicas	Tinta Sobre	Parede/Muro					x	x	Alto Contraste	Profundidade das Letras	-	Ilustração de Ambientação da Fachada	Sem marcas de tempo
	Beco da Pantera	Rua Marques Rebelo, 127	Orientativa	-	Grafiadas	Tinta Sobre	Metal					x	x	Alto Contraste	Profundidade das Letras	Ícones de Seta	Ilustração de Ambientação da Fachada	Sem marcas de tempo
	Funk In Rio	Ladeira do Faria, 2	Informativa	-	Básicas	Tinta Sobre	Plástico	x	x	x	x			Alto Contraste	Profundidade das Letras	-	-	Sem marcas de tempo
	Disk Gelo 1	R. Barão de São Félix, 67	Identificativa/ Informativa/ Recado ou Manifestação Individual	Depósito	Caligráficas e Fantasia	Tinta Sobre	Parede/Muro	x	x	x	x	x		Alto Contraste	Reflexo nas Letras/Padronagem Estilística/ Curva ou Inclinação das Linhas Base	Ícones de Brilho	Ilustração do Produto Comercializado	Sem marcas de tempo
	Disk Gelo 2	R. Visc. da Cávaca, 75	Identificativa/ Informativa	Depósito	Caligráficas	Tinta Sobre	Parede/Muro	x	x	x	x			Alto Contraste	Profundidade das Letras/ Curva ou Inclinação das Linhas Base	Ícones de Brilho	Ilustração de Ambientação da Fachada/ Ilustração de Logo	Com marcas de tempo
	Assembléia de Deus	R. Sen. Pompeu, 139	Identificativa/ Informativa	Igreja	Gordas e Curvas	Tinta Sobre	Parede/Muro	x	x	x	x		x	Alto Contraste	Profundidade das Letras	-	Ilustração de Ambientação da Fachada	Com marcas de tempo
	Sopas Variadas	R. Sen. Pompeu, 139	Identificativa	Ambulante	Caligráficas	Tinta Sobre	Madeira			x	x			Alto Contraste	-	-	-	Com marcas de tempo
	Marmoraria	R. Sen. Pompeu, 144	Identificativa	Marmoraria	Básicas e Caligráficas	Tinta Sobre	Madeira		x					Alto Contraste	Curva ou Inclinação das Linhas Base	Ícones de Brilho	-	Sem marcas de tempo
	Estacionamento Mensal Rotativo	R. Sen. Pompeu, 104	Identificativa	Estacionamento	Gordas	Tinta Sobre	Parede/Muro	x	x					Alto Contraste	Profundidade das Letras	-	-	Sem marcas de tempo
	Mini Mercado Santa Rita	R. Sacadura Cabral, 95	Indicativa de Preço	Mercado Local	Expressivas	Caneta Permanente Sobre	Papel/Papelão	x		x				Alto Contraste	-	-	-	Sem marcas de tempo
	Debet 1918	R. Sacadura Cabral, 41	Identificativa/ Informativa	Cabelereiro	Caligráficas	Tinta Sobre	Parede/Muro			x			x	Alto Contraste	Curva ou Inclinação das Linhas Base	Ícones de Asteriscos	-	Sem marcas de tempo
	Yakisoba da China	R. Sacadura Cabral, 41	Identificativa/ Informativa	Restaurante/Lancho nete	Caligráficas	Tinta Sobre	Parede/Muro			x			x	Alto Contraste	Curva ou Inclinação das Linhas Base/ Profundidade das Letras	-	Ilustração do Produto Comercializado	Sem marcas de tempo
	Camões	R. Luis de Camões, 56	Identificativa	Loja de Produtos Variados	Cursivas	Tinta Sobre	Madeira			x			x	Alto Contraste	Profundidade das Letras	-	-	Sem marcas de tempo
	Jade Atacad & Varejo	R. Sr. dos Passos, 276	Identificativa/ Informativa	Loja de Produtos Variados	Básicas	Tinta Sobre	Madeira	x	x					Alto Contraste	Profundidade das Letras	-	-	Com marcas de tempo
	Brasil Roupas	R. da Alfândega, 252	Identificativa/ Indicativa de Preço	Loja de Produtos Variados	Expressivas	Caneta Permanente Sobre	Papel/Papelão	x			x			Alto Contraste	Curva ou Inclinação das Linhas Base	-	-	Sem marcas de tempo
	Compro Ouro	R. da Alfândega, 230	Informativa	Ambulante	Básicas	Tinta Sobre	Papel/Papelão	x			x			Alto Contraste	-	-	-	Sem marcas de tempo
	Salgado e Refresco	R. da Alfândega, 222	Indicativa de Preço	Restaurante/Lancho nete	Básicas	Tinta Sobre	Papel/Papelão		x				x	Alto Contraste	-	-	-	Sem marcas de tempo
	Pães de Chão	R. da Alfândega, 214	Indicativa de Preço	Ambulante	Básicas e Gordas	Tinta Sobre	Plástico	x	x					Alto Contraste	-	-	-	Com marcas de tempo
	Oferta Biscoito	R. da Alfândega, 196	Indicativa de Preço	Loja de Produtos Variados	Expressivas	Caneta Permanente Sobre	Papel/Papelão		x				x	Alto Contraste	-	-	-	Sem marcas de tempo

21		Cucas Calvin Kein	R. da Alfândega, 174	Indicativa de Preço	Amulante	Expressivas	Caneta Permanente Sobre	Plástico	x	x	x			Alto Contraste	-	Moldura	-	Com marcas de tempo
22		Liquidação Alegria do Povo	R. da Alfândega, 165	Indicativa de Preço	Loja de Produtos Variados	Expressivas	Caneta Permanente Sobre	Papel/Papelão		x		x		Alto Contraste	-	-	-	Sem marcas de tempo
23		Teatro Dragões da Riachuelo	R. Riachuelo, 270	Informativa	Teatro	Amadoras e Serifada	Tinta Sobre	Parede/Muro	x	x	x	x		Alto Contraste	-	-	Ilustração de Ambientação da Fachada	Sem marcas de tempo
24		Elétrica e Mecânica	R. Riachuelo, 368	Identificativa/Informativa	Oficina	Compacts e Caligráficas	Tinta Sobre	Madeira				x		Alto Contraste	-	-	-	Com marcas de tempo
25		Barbearia J.I.	Av. Mem de Sá, 295 - Loja B	Identificativa/Informativa	Barbearia	Gordas	Tinta Sobre	Plástico				x		Alto Contraste	Reflexo nas Letras	-	-	Sem marcas de tempo
26		Hortifruti Sabor da Roça	R. Riachuelo, 405 - Loja C	Indicativa de Preço	Mercado Local	Expressivas	Caneta Permanente Sobre	Papel/Papelão		x			x	Alto Contraste	Profundidade das Letras	-	-	Sem marcas de tempo
27		Comprando e Vendendo	R. Vinle de Abril, 57	Informativa	Loja de Produtos Variados	Básicas e Expressivo	Tinta Sobre	Parede/Muro	x	x	x			Alto Contraste	Profundidade das Letras	Ícones de Briho	Ilustração do Produto Comercializado	Com marcas de tempo
28		Biel Park	Av. Henrique Valadares, 63	Identificativa/Informativa	Estacionamento	Gordas	Tinta Sobre	Parede/Muro					x	Alto Contraste	-	-	-	Com marcas de tempo
29		Hórus	R. Ubaldo do Amaral, 57	Identificativa	-	Básicas	Tinta Sobre	Metal			x	x	x	Alto Contraste	-	-	Ilustração de Logo	Sem marcas de tempo
30		Pica Paul Cultural	R. do Rezende, 48	Identificativa/Informativa	Bar	Serifadas e Cursivas	Tinta Sobre	Metal				x		Alto Contraste	-	Moldura	Ilustração de Ambientação da Fachada	Sem marcas de tempo
31		Boêmios da Lapa	R. Joaquim Silva, 137	Informativa	-	Básicas	Tinta Sobre	Plástico	x	x	x	x		Alto Contraste	Profundidade das Letras	Moldura	-	Sem marcas de tempo
32		Radiola Leoa Dourada	R. Joaquim Silva, 131	Identificativa	-	Grafiadas	Tinta Sobre	Metal		x			x	Alto Contraste	-	-	Ilustração de Ambientação da Fachada	Com marcas de tempo
33		Bar da Irene	R. Joaquim Silva, 104	Identificativa/Indicativa de Preço	Bar	Amadora e Básicas	Tinta Sobre	Papel/Papelão		x			x	Alto Contraste	-	-	Ilustração de Ambientação da Fachada	Sem marcas de tempo
34		Garagem 24	R. Joaquim Silva, 114	Identificativa	Estacionamento	Básicas	Tinta Sobre	Metal					x	Alto Contraste	-	-	Ilustração de Ambientação da Fachada	Sem marcas de tempo
35		Gelo e Cevão	Tv. do Mosqueira, 13	Identificativa	Depósito	Fantasia	Tinta Sobre	Parede/Muro	x	x		x	x	Alto Contraste	Profundidade das Letras/Padrão em Estilística	-	-	Com marcas de tempo
36		Avé Milenium	R. do Rezende, 119 - Loja A	Identificativa/Informativa	Banca	Básicas e Compacts	Tinta Sobre	Plástico		x			x	Alto Contraste	-	-	-	Com marcas de tempo
37		JNS Borrachas	R. do Rezende, 119 - Loja A	Identificativa/Informativa	Borracharia	Básicas	Tinta Sobre	Plástico		x			x	Alto Contraste	-	-	-	Com marcas de tempo
38		Bar do Peixe	R. André Cavalcanti, 14	Identificativa/Informativa	Bar	Básicas, Gordas e Cursivas	Tinta Sobre	Parede/Muro		x	x		x	Alto Contraste	-	-	Ilustração do Produto Comercializado	Com marcas de tempo
39		Materiais de Construção	R. André Cavalcanti, 22	Identificativa/Informativa	Loja de Produtos Variados	Compacts	Tinta Sobre	Madeira		x	x	x		Alto Contraste	Profundidade das Letras	-	-	Com marcas de tempo
40		Boteco Ótica	R. André Cavalcanti, 45	Identificativa	Bar	Compacts	Tinta Sobre	Parede/Muro					x	Alto Contraste	-	-	-	Sem marcas de tempo
41		Associação Brasileira de Antiquários	R. do Senado, 45	Identificativa	-	Amadoras	Tinta Sobre	Metal				x	x	Alto Contraste	Curva ou Inclinação das Linhas Base	Moldura	Ilustração de Logo	Com marcas de tempo
42		Lapiano Bar	R. Riachuelo, 106	Identificativa	Bar	Cursivas	Tinta Sobre	Parede/Muro					x	Alto Contraste	-	-	Ilustração de Ambientação da Fachada	Sem marcas de tempo
43		Forrozear Democráticos	R. Riachuelo, 95	Informativa	-	Expressivas	Tinta Sobre	Plástico		x			x	Alto Contraste	Profundidade das Letras/Curva ou Inclinação das Linhas Base	Moldura/Ícones de Briho	-	Sem marcas de tempo
44		Fontinele Lanches	R. Macedo Junior, 21	Identificativa/Indicativa de Preço	Restaurante/Lanchonete	Caligráficas	Tinta Sobre	Parede/Muro	x	x	x			Alto Contraste	Reflexo nas Letras/Curva ou Inclinação das Linhas Base	Ícones de Briho	-	Sem marcas de tempo
45		Padaria e Merceria Dona Jura	R. Sen. Pompeu, 650	Identificativa	Loja de Produtos Variados	Serifadas	Tinta Sobre	Parede/Muro		x			x	Alto Contraste	-	Ícones de Briho	Ilustração de Ambientação da Fachada	Sem marcas de tempo
46		Crisval Material	R. Cel. Audomaro Costa, 121	Identificativa/Informativa	Loja de Produtos Variados	Básicas	Tinta Sobre	Parede/Muro		x				Alto Contraste	-	-	-	Com marcas de tempo
47		Aposente-se	R. Bento Ribeiro, 46	Informativa	-	Básicas	Tinta Sobre	Plástico	x	x	x	x		Alto Contraste	Profundidade das Letras	-	-	Com marcas de tempo
48		Estacionamento Rotativo	R. Barão de São Félix, 138	Identificativa/Informativa	Estacionamento	Compacts	Tinta Sobre	Metal					x	Alto Contraste	Curva ou Inclinação das Linhas Base	-	Ilustração de Logo	Com marcas de tempo
49		Recidagem Barão	R. Barão de São Félix, 134	Informativa	-	Caligráficas	Tinta Sobre	Metal		x	x		x	Alto Contraste	Reflexo nas Letras	Ícones de Briho	-	Sem marcas de tempo
50		Não Estacionar	R. Barão de São Félix, 87	Proibitiva	-	Básicas	Tinta Sobre	Metal	x				x	Alto Contraste	Profundidade das Letras	-	-	Sem marcas de tempo

**Figura 21** – Tabela Letramento Popular - Centro, Rio de Janeiro. Fonte: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1mTbmkolEhbhgXF0U6qogL-skPcmOvyRDERCyjEaw8UA/e/dit?usp=sharing>

Para uma exposição quantitativa que facilite o estudo dos dados registrados na tabela, as informações numéricas serão indicadas entre parênteses logo após a categoria correspondente. Além disso, imagens dos letreiramentos serão apresentadas para exemplificar algumas classificações de destaque ou casos de particularidades.

Observa-se que a maioria dos letreiramentos populares identificados na pesquisa tem como principal função a **identificação (33)**, exibindo o nome do estabelecimento, e a **informação (25)**, comunicando serviços, horários de funcionamento e números de contato. Além disso, há letreiramentos com caráter **indicativo de preço (10)**, destacando valores de produtos; **orientativo (1)**, utilizados para direcionamento; **proibitivo (1)**, sinalizando restrições; e **recado/manifestação individual (1)**, empregados para transmitir mensagens.



**Figuras 22 e 23** – “Lapa e Arte Souvenir”, função identificativa e “Disk Gelo 1”, função identificativa, informativa e recado/manifestação individual. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

Os tipos de estabelecimentos que mais utilizam letreiramento popular são: **loja de produtos variados (10)**, **bares (6)**, **estacionamentos (4)** e **ambulantes (4)**. Outros tipos de estabelecimentos identificados na pesquisa incluem: **depósitos**, **restaurantes/lanchonetes**, **mercados locais**, **igreja**, **marmoraria**, **cabeleireiro**, **teatro**, **oficina**, **barbearia**, **banca** e **borracharia**.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> depósitos (3), restaurantes/lanchonetes (3), mercados locais (2), igreja (1), marmoraria (1), cabeleireiro (1), teatro (1), oficina (1), barbearia (1), banca (1) e borracharia (1).



**Figuras 24, 25 e 26** – “Materiais de Construção”, loja de produtos variados; “Bar do Peixe”, bar; “Estacionamento Mensal e Rotativo”, estacionamento; “Sopas Variadas”, ambulante. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

Na análise das fachadas, é possível perceber o grau de simplicidade desses ambientes e como se camuflam com o espaço urbano ao redor. Muitos dos letreiramentos podem ser encontrados agrupados em uma mesma rua ou polo, o que pode indicar uma comunhão de costumes/valores entre os donos(as) dos estabelecimentos naquela área corroborando para perpetuação de uma estética vernacular. Além disso, esses agrupamentos podem se enquadrar na característica de “ilhas” de isolamento a modernização e até uma resistência à gentrificação do local.

No âmbito da tipografia, nota-se que as formas/modelos de letras mais comuns encontrados nos letreiramentos do Centro do Rio, são os classificados na pesquisa como **básicos (18)**, **caligráficos (10)** e **expressivos (7)**<sup>2</sup>. Embora os estilos básicos se destaquem numericamente – caracterizando-se por letras retas, sem atributos distintivos aparentes – eles costumam ser acompanhados de ornamentos ou combinados com outros tipos tipográficos.

<sup>2</sup> Outras classificações: gordas (6), compactas (5), cursivas (5), serifadas (4), fantasia (3) e grafitadas (2).



**Figuras 27 e 28** – “Compo Vendo”, estilos de tipo básico e expressivo, acompanhado de ornamentação de ilustração e ícones e “Não Estacionar”, estilo de tipo básico, com profundidade das letras. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

A interpolação de formas/modelos de tipo evidencia que há o domínio de diferentes técnicas para a realização do ofício dos letristas, além de uma preocupação evidente com a legibilidade. Mesmo em estilos mais amadores, o letreiramento busca sempre garantir clareza à mensagem, demonstrando que princípios de design podem emergir de forma intuitiva, fora do ambiente acadêmico que institucionaliza suas regras.

Em relação ao suporte e à técnica de execução do letreiramento, constatou-se que a maior parte é realizada com **tinta (44)** enquanto a menor parte de **caneta permanente (6)**. O suporte físico é variado, abrangendo **parede/muro (18)**, **metal (9)**, **plástico (9)**, **papel/papelão (8)** e **madeira (6)**. A combinação mais comum entre suporte e técnica é a **tinta sobre parede/muro (18)**, o que reforça o caráter mais permanente e menos efêmero desses pontos vernaculares.

Uma particularidade observada na figura 29, que aborda a durabilidade do letreiramento, é que, mesmo quando o suporte/técnica é tinta sobre plástico, conferindo um caráter mais efêmero ao letreiramento, o trabalhador ambulante utilizou o recurso de caneta sobre papel/papelão para substituir a quantidade de panos de chão por 10 reais. Esse exemplo evidencia a sobreposição de técnicas e suportes como uma forma de garantir maior flexibilidade e adaptação ao contexto de produção.



**Figura 29** – “Panos de Chão”, tinta sobre plástico e caneta sobre papel/papelão. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

As escolhas cromáticas dos letreiramentos observados estão majoritariamente agrupadas entre as cores primárias: **vermelho (31)**, **amarelo (20)** e **azul (16)**, que são utilizadas para colorir tipos. Além disso, os tons de **preto (31)** e **branco (16)** são frequentemente empregados para criar efeitos como contorno, sombreamento e reflexos nos tipos. Apenas três letreiros se afastam desse padrão, utilizando outras cores, o que revela a predominância de uma paleta cromática “simples” e eficaz no ambiente vernacular e podendo indicar uma maior acessibilidade de tintas de cores primárias para letristas populares. O alto contraste entre fundo e letra é uma característica assinalada em todos os cinquenta designs da tabela, o que contribui significativamente para a legibilidade dos letreiros.



**Figuras 30 e 31** – “Boêmios da Lapa” e “Funk In Rio”, paleta de cores primárias e preto. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

Os adornos tipográficos são elementos que incrementam o desenho das letras, conferindo-lhes características atraentes para a comunicação. Entre os adornos mais comuns encontrados na pesquisa destacam-se: a **profundidade das letras (16)**, que cria sombras ou efeitos tridimensionais, tornando-as mais

destacadas; o **reflexo nas letras (5)**, com brilhos ou efeitos luminosos que simulam a incidência de luz, conferindo um aspecto mais vívido; a **padronagem estilística (3)**, que emprega texturas ou padrões dentro das letras, adicionando complexidade e interesse visual; e as **curvas ou inclinações das linhas base (10)**, que modificam a orientação das letras, criando movimento para o texto.



**Figuras 32, 33 e 34** – “Jade Atacado & Varejo”, profundidade das Letras; “Reciclagem Barão”, reflexo nas letras; “Disk Gelo 1”, padronagem estilística; “Disk Gelo 2”, curva ou inclinação das linhas base. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

Para ornamentar os letreiramentos, alguns layouts utilizam **ícones de brilho (7)**, que destacam produtos ou serviços. Outros preferem **molduras (6)** para destacar informações-chave, como o nome do estabelecimento ou promoções, criando separações claras que facilitam a leitura e reforçam a visibilidade dos letreiros no ambiente urbano.



**Figuras 35, 36 e 37** – Ícones de Brilho presentes nos letreiramentos “Disk Gelo 1”, “Marmoraria”, “Forrozear Democráticos”, “Fontinele Lanches” e “Reciclagem Barão”. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

As ilustrações levantadas na pesquisa desempenham um papel crucial no fortalecimento da comunicação das marcas, **ilustrando os produtos comercializados (4)** pelos estabelecimentos, compondo a **ambientação das fachadas (12)** e até **reproduzindo logos vetoriais (3)** por meio de técnicas vernaculares. Elas agregam valor visual às fachadas, tornando-as mais atrativas e identificáveis para o público e criando uma atmosfera única.



**Figuras 38, 39 e 40** – “Lapa e Arte Souvenir”, ambientação das fachadas; “Bar do Peixe”, ilustrando os produtos comercializados; “Disk Gelo 2”, reproduzindo logos vetoriais. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

Ao analisar a conservação dos letreiramentos, verifica-se que estão divididos entre aqueles **sem marcas de tempo (31)**, que conferem um caráter mais jovem ou bem conservado à fachada, e os **com marcas de tempo (19)**, que indicam um envelhecimento natural delas. A passagem de tempo se torna visível ao observar sinais de desbotamento da tinta, desgaste do suporte devido a fatores erosivos naturais, sujeira, entre outros. Na figura 41, observa-se que, apesar de a escolha tipográfica e cromática serem acertadas para conferir legibilidade à informação, o

desgaste por sujeira e o desbotamento comprometem a leitura dos letreiramentos. No entanto, o envelhecimento dos layouts pode ser interpretado como parte da história dos estabelecimentos. As texturas criadas a longo prazo, que são características comuns da tipografia vernacular, conferem autenticidade dessa forma de expressão visual e uma conexão profunda com o contexto local.



**Figura 41** – “Axé Millenium”, com marcas de tempo. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

Por fim, é importante destacar que alguns estabelecimentos que utilizam o suporte da comunicação vernacular também podem optar por incluir materiais impressos na mesma fachada, criando uma coexistência de múltiplas formas de fazer design em um único espaço. Aqueles que buscam por um refinamento e polimento estético típico do materiais impressos também podem, igualmente, optar por comunicar suas marcas por meio do letramento popular. Na figura 42, observa-se que o proprietário(a) do estabelecimento utiliza ambas as abordagens para comunicar a mesma mensagem: o destaque para o cardápio, a caipirinha.



**Figuras 42** – “Bar da Irene”, coexistência entre design formal e informal. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

### 3.3. Entrevista com Letrista

Os letristas, artistas “anônimos” que criam a tipografia vernacular nas ruas e fachadas do Rio de Janeiro, desempenham um papel essencial na construção e preservação da cultura visual da cidade. Mais do que artesãos, eles são comunicadores populares que, com pincéis e tintas, traduzem o espírito dos bairros e estabelecimentos que ornamentam. Reconhecer o valor dos letristas é essencial para entender como suas criações contribuem para a riqueza cultural e estética da cidade e para reforçar a importância de preservar esse patrimônio visual.

Em muitos casos, seus letreiros vão além do simples ato de nomear um estabelecimento ou anunciar um serviço; eles introduzem ornamentos, humor e gírias locais que tornam cada obra única. A tipografia produzida por esses letristas é, portanto, uma extensão das histórias pessoais e coletivas das comunidades onde eles trabalham, representando aspectos culturais e sociais que, muitas vezes, escapam às formas mais padronizadas de design. Cada traço, cor e formato de letra fala diretamente ao público local, formando uma conexão visual e afetiva com a cidade.

Essa etapa da pesquisa buscou sistematizar perguntas para entrevistar um “designer sem carteirinha”, divididas entre as categorias: História e Trajetória (perguntas de 1-3), Técnica e Materiais (perguntas de 4-8), Clientes e Demandas (perguntas de 9-10), Mercados e Desafios (perguntas de 11-14) e Curiosidade e Estilo Pessoal (perguntas de 15-18). O letrista local José da Silva Santos, conhecido como Zeca, de 63 anos e residente de Madureira, foi escolhido para responder às perguntas e para representar a voz dos letristas na pesquisa.



Figuras 43, 44, 45, e 46 – Letreiramentos realizados por Zeca localizados na zona norte e interior do Rio de Janeiro. Fonte: acervo pessoal.

**P: Como você começou a trabalhar com letreiramento?**

R: Eu comecei de curioso mesmo. Eu gostava de desenhar, desde moleque rabiscava os cadernos da escola. Meu primeiro contato com letreiro foi ajudando um vizinho que pintava placas pro comércio aqui da área. Um dia ele me pediu pra segurar a régua, no outro já tava passando o pincel. Quando vi, já estava fazendo sozinho.

**P: Você aprendeu sozinho ou teve algum mentor?**

R: Aprendi olhando. O pessoal mais velho não tinha muita paciência de ensinar não, era na base do “olha e faz”. Mas eu gostava e fui pegando o jeito. Depois, comecei a treinar em papelão, em madeira velha, até sair direito.

**P: Há quanto tempo você trabalha na área?**

R: Já tem uns 45 anos, desde os tempos de moleque. Peguei uma época que todo comércio tinha letreiro pintado à mão, não tinha essas coisas de adesivo que tem hoje.

**P: Quais materiais você mais utiliza para pintar letreiros?**

R: Eu uso mais tinta acrílica. Ela seca rápido, dá um acabamento bom e não precisa ficar usando solvente, que faz mal. Antigamente, a gente só usava tinta óleo, mas hoje em dia prefiro evitar.

**P: Você utiliza moldes ou desenha direto na superfície?**

R: Depende do trabalho. Se for uma faixa ou placa pequena, eu faço direto. Mas se for fachada grande, eu gosto de fazer um esboço antes, pelo menos marcando as proporções com giz. Às vezes, faço um molde de papelão pra garantir que as letras saiam todas iguais.

**P: Como você planeja a composição do letreiro antes de começar a pintar?**

R: Primeiro, eu vejo o espaço que o cliente tem. Aí penso nas cores e no tamanho das letras. Se for coisa grande, eu faço as letras no papel primeiro pra não errar. E sempre dou um jeito de deixar o nome bem visível, porque de nada adianta um letreiro bonito se ninguém consegue ler.

**P: Existe algum tipo de pincel ou ferramenta que você prefira?**

R: Gosto dos pincéis mais curtos, aqueles que não ficam molengas. Quando o pincel é muito grande, escorrega demais.

**P: Você trabalha apenas com pintura manual ou também utiliza adesivos e recorte digital?**

R: Eu ainda faço tudo na mão, mas já tentei mexer com adesivo. Comprei até um computador e uma máquina de recorte uma vez, mas deu defeito e eu voltei pra minha tinta e meu pincel. O que dá pra fazer no braço, eu faço.

**P: Que tipo de clientes mais procuram seu trabalho?**

R: É de tudo um pouco. Muito dono de bar, estacionamento, oficina, feira. Muita gente ainda gosta da pintura porque dura mais e não solta com o tempo igual adesivo.

**P: Existe algum tipo de letreiro que você faz com mais frequência?**

R: Faixas e placas de “vende-se” e “aluga-se” são as campeãs. Mas já fiz de tudo: placa de borracharia, fachada de igreja, nome de bar.

**P: Você já teve que diversificar seu trabalho para se manter financeiramente, como trabalhar em outra área?**

R: Já sim. Teve uma época que tava fraco o serviço e eu fui trabalhar de porteiro pra segurar as contas. Mas nunca larguei a pintura. Sempre fazia uma faixinha aqui, outra ali.

**P: Como a concorrência com letreiros digitais e impressos afeta seu trabalho?**

R: Afeta bastante. Antes, todo mundo queria pintura porque não tinha outra opção. Agora, muita gente prefere adesivo porque acha mais rápido e barato. Mas os que sabem da qualidade ainda me procuram.

**P: Você acha que há uma valorização ou um esquecimento do letreiramento manual?**

R: Infelizmente, tá sendo esquecido. Mas tem gente nova interessada, querendo aprender.

**P: O que te motiva a continuar no ofício mesmo com as mudanças tecnológicas?**

R: É o que eu sei fazer e o que eu gosto. Enquanto tiver serviço e eu puder trabalhar, vou continuar.

**P: Você tem um estilo próprio de letreiramento ou adapta conforme o cliente pede?**

R: Eu tenho meu jeito, mas sempre faço como o cliente quer. Às vezes, eu dou um toque, falo que tal cor não combina ou que a letra pode ficar melhor de outro jeito. Mas no fim das contas, quem manda é ele.

**P: Qual foi o trabalho mais desafiador ou marcante que você já fez?**

R: Teve um mural que fiz pra um bar famoso aqui no bairro. Era grande, cheio de detalhe. Deu um trabalho danado, mas ficou bonito. Até hoje, quando passo lá, eu olho e penso: “Fui eu que fiz”.

**P: Já pensou em ensinar ou dar cursos sobre letreiramento?**

R: Até já pensei, mas não sei se teria aluno. O pessoal hoje em dia quer tudo no computador, ninguém quer mais saber de pincel e régua. Mas se aparecer alguém interessado, eu ensino com prazer.

**P: Se pudesse deixar um conselho para alguém que quer começar na área, qual seria?**

R: Tem que gostar e tem que ter paciência. O começo é difícil, mas se você fizer um trabalho bem feito, sempre vai ter cliente. E nunca pare de praticar. Pega um papelão, uma parede velha e treina, porque isso aqui a gente aprende fazendo.

## CONCLUSÃO

A gentrificação - um processo de renovação urbana que atrai novos investimentos e moradores de maior poder aquisitivo para áreas anteriormente ocupadas por populações e comércios tradicionais - têm gerado profundas transformações nas cidades em todo o mundo. Em regiões como o Centro do Rio de Janeiro, a gentrificação tem um impacto significativo na cultura visual local, especialmente na tipografia vernacular, onde letreiros feitos à mão e fachadas de comércios populares são substituídos por fachadas padronizadas e identidades visuais genéricas. Esse processo ameaça a continuidade da tipografia vernacular, que há décadas reflete a história, o caráter e a identidade cultural dos bairros.



**Figuras 47 e 48** – Substituição da fachada informal do “Beco do Rato”, verificada em 2014, por fachada formal, verificada em 2024. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

O avanço da gentrificação, embora possa trazer benefícios como revitalização da infraestrutura, costuma impor uma homogeneização visual que desconsidera a riqueza e a diversidade cultural representadas pela tipografia vernacular. O estilo autêntico, personalizado e muitas vezes imperfeito dos letreiros manuais é substituído por fontes padronizadas e materiais industriais, como acrílico e LED, que eliminam o caráter artesanal e a conexão emocional dos letreiros com a comunidade. Essa padronização visual responde a um desejo de modernidade e sofisticação, mas sacrifica elementos culturais que são parte da identidade local e da história visual do bairro.

A gentrificação afeta diretamente os letristas e artesãos que vivem do ofício da tipografia manual. Com o fechamento de pequenos negócios tradicionais, a demanda por seus serviços diminui, levando muitos desses profissionais a

perderem clientes e, em alguns casos, abandonarem a profissão. Esse efeito colateral enfraquece a continuidade da prática vernacular, já que os conhecimentos técnicos e artísticos dos letristas locais, muitas vezes transmitidos por gerações, se perdem junto com as oportunidades de trabalho. A perda desse ofício representa uma perda cultural irreparável, pois esses letristas são, em grande parte, responsáveis por preservar o estilo visual de seus bairros e dar vida às fachadas que caracterizam a cidade.

No livro *Store Front: The Disappearing Face of New York*, publicado em 2012, uma compilação fotográfica retrata o apagamento cultural da região. A documentação urbana, ao comparar o antes e o depois das fachadas, revela o impacto da substituição de lojas familiares por “boutiques de luxo”, que aderem às tendências contemporâneas de uniformidade e marcam o fim de uma era. O avanço da gentrificação torna-se cada vez mais alarmante para aqueles que vivenciam o apagamento da herança cultural local.



**Figuras 49 e 50** – Imagens do livro *Store Front: The Disappearing Face of New York*, que ilustram a substituição das fachadas informais por fachada formais na cidade de Nova York. Fonte: <https://weburbanist.com/2014/04/01/vanishing-vernacular-nyc-storefront-gentrification-in-action/>

Dessa forma, a preservação da tipografia vernacular em áreas sujeitas à gentrificação exige políticas públicas e esforços comunitários para valorizar e proteger esse patrimônio visual. Iniciativas de documentação, como registros fotográficos e criação de arquivos digitais, ajudam a preservar a história visual dessas áreas, mesmo que os letreiros físicos desapareçam. Além disso, programas de incentivo à contratação de letristas e a manutenção de fachadas tradicionais poderiam ser implementados como parte dos projetos de renovação urbana,

garantindo que a modernização não ocorra em detrimento da identidade cultural local.

## BIBLIOGRAFIA

- FINIZOLA, Fátima.** *Tipografia vernacular urbana: uma análise dos letreiramentos populares.* São Paulo: Blucher, 2010. (Coleção Pensando o Design).
- FARIAS, Priscila Lena.** *Aprendendo com as ruas: a tipografia e o vernacular. O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissional.* São Paulo: Senac São Paulo, 2011
- RODRIGUES, Mariana.** *Tipografia Vernacular.* Rio de Janeiro: Rio Books, 2014.
- CASTRO, Nicole; HOFFMANN, Rafael.** *Pintores de Letras: uma viagem pela cultura popular e memória gráfica de Santa Catarina.* Criciúma: [s.n.], 2023.
- BIERUT, Michael; HELFAND, Jessica; HELLER, Steven. POYNOR, Rick.** *Textos Clássicos do Design Gráfico.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- MOREIRA, Eduardo de Oliveira.** *Tipografia vernacular digital: proposta de um método para o desenho de fontes tipográficas de inspiração popular.* Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Núcleo de Design. Caruaru, 2016.
- LESSA, Washington Dias.** Duas pesquisas de 1973 sobre tipografia vernacular brasileira. *Proceedings of the 6th Information Design International Conference, 5th InfoDesign, 6th CONGIC [= Blucher Design Proceedings, n. 2, v. 1], p. 1428-1439,* Recife, 2013. Disponível em: <http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/two-1973-researches-on-brazilian-vernacular-typography-8797>. Acesso em: 31 jan. 2025.
- DONES, Vera Lúcia.** As apropriações do vernacular pela comunicação gráfica. In: *6º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2004, São Paulo. Anais...* São Paulo: FAAP, 2004. Também apresentado na *XXVII Intercom, PUC – Porto Alegre, 2004.* Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/1067/1503>. Acesso em: 31 jan. 2025.
- ONO, Maristela Mitsuko.** *Design e Cultura: sintonia essencial.* Curitiba: Edição da Autora, 2006. 132 p. ISBN 85-906446-0-X.
- CARDOSO, Rafael.** *Uma introdução à história do design.* São Paulo: Blucher, 2013.

**LUKE, Jason.** *Vernacular typography: Cultural Identity through Graphic Communication*. New York: Princeton Architectural Press, 2015.

**MARGARIDO, Leticia.** O impacto da gentrificação na tipografia vernacular: um estudo sobre a transformação urbana e cultural. *Revista Brasileira de Cultura Visual*, v. 8, n. 2, p. 112-130, 2022.